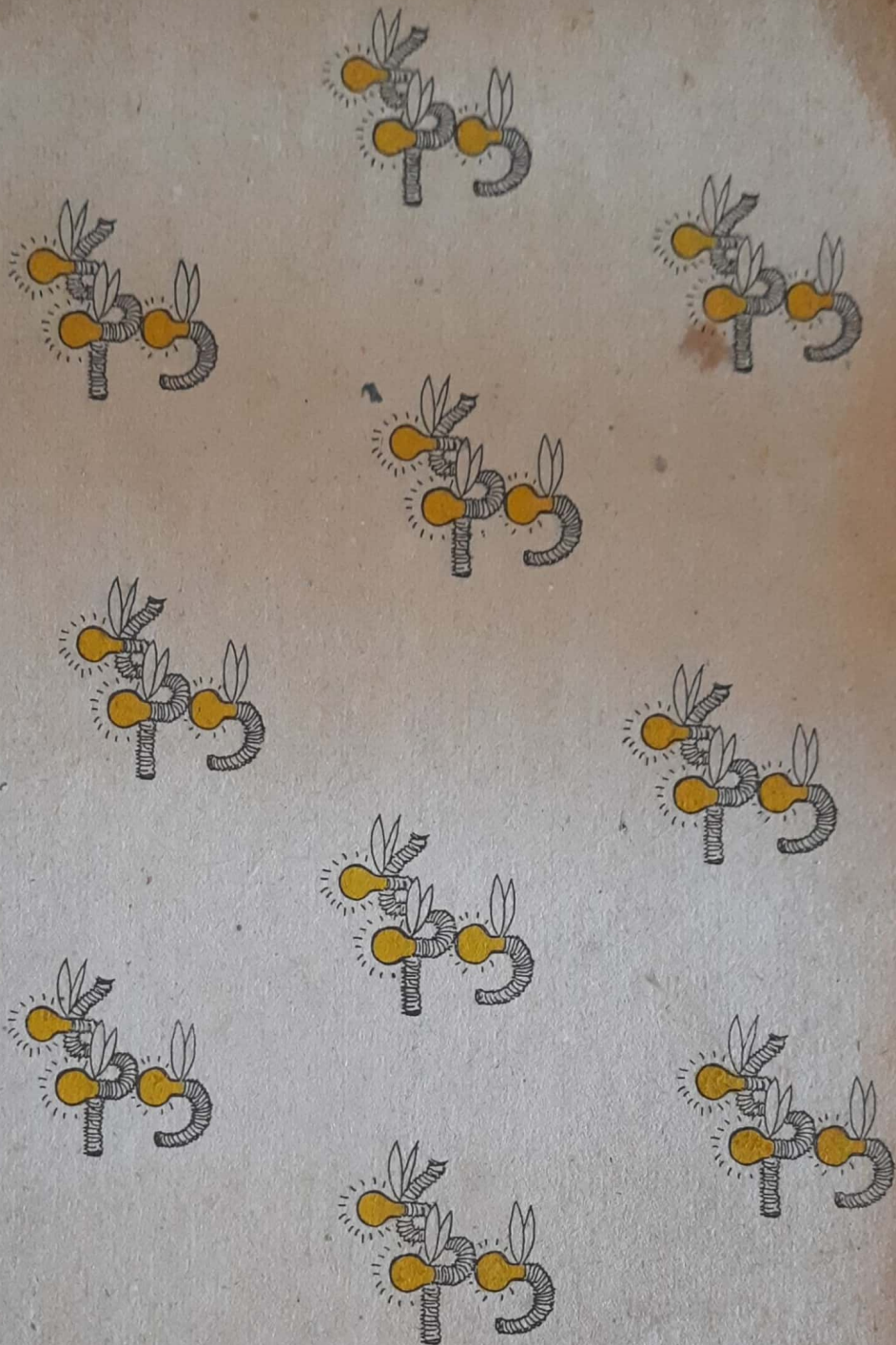


teyu'a

REVISTA CULTURAL • ANO I • Nº 1 • ABRIL/MAIO DE 1995



Colaboram: Manoel de Barros, Aurora F. Bernardini, Sérgio Rubens Sossélla, Jamil Snege, Wilson Bueno, Antônio Houaiss, Augusto César Proença, Sérgio Medeiros, Ismael Cardim, José Geraldo Couto, Washington Novaes, Henryk Siewierski, Jorge Montesino, Thelma Paniagua e Douglas Diegues

HOTEL POUSADA DO BOSQUE

4 ESTRELAS COM PREÇO DE TRÊS

O HOTEL POUSADA DO BOSQUE É O RESPONSÁVEL POR GRANDE PARTE DO CHARME DA CIDADE DE PONTA PORÃ. LOCALIZADO EM UMA ÁREA VERDE DE 200.000 METROS QUADRADOS NA REGIÃO NOBRE DE PONTA PORÃ E A POUCAS QUADRAS DO CENTRO COMERCIAL DE PEDRO JUAN CABALLERO, O HOTEL POUSADA DO BOSQUE DISPÕE DE APARTAMENTOS RUSTICAMENTE DECORADOS, RESTAURANTE COM MÚSICA, VIP-BAR, COPA 24 HORAS, AQUECIMENTO CENTRAL, GELADEIRA E TV EM CORES EM TODOS OS APARTAMENTOS, MÚSICA AMBIENTE, TELEFONE, AR QUENTE E FRIO, SAUNA, SALÃO PARA CONVENÇÕES, TELEX, XEROX, AMPLO E SEGURO ESTACIONAMENTO, CAMPO DE



Hotel Pousada do Bosque, um dos mais charmosos do Centro-Oeste

FUTEBOL, PISCINA, SALA DE JOGOS, MINIZOO, PLAY GROUND, BAR-PISCINA, LAVANDERIA PRÓPRIA, SALA DE TV E QUADRAS DE TENIS E VÔLEY. EM BREVE, SERÁ INSTALADO UM TOBOGAM AQUÁTICO NA PISCINA E HAVERÃO PÔNEIS PARA AS CRIANÇAS PASSEAREM PELO BOSQUE. O REI ROBERTO CARLOS, QUANDO ESTEVE NA FRONTEIRA, HOSPEDOU-SE NO HOTEL. ESSE DETALHE, ENTRE OUTROS, DEFINE A QUALIDADE POUSADA DO BOSQUE, QUE TAMBÉM OFERECE DESCONTOS PARA GRUPOS. O ENDEREÇO DO HOTEL É AV. PRESIDENTE VARGAS, 1151 - TELS.: (067) 431-1181, 1201 E 1801. FAX: 431-1741. PONTA PORÃ - MATO GROSSO DO SUL - BRASIL.

CASA YPACARAI

—IMPORTACIÓN & EXPORTACIÓN—

RODE SEGURO.
VÁ DE

GOODYEAR



DR. FRANCIA E ITURBE - ☎(DDI 005936) 2295
FAX: 3575 - ☎(067)431-3901
PJC-PY



¿VOCÊ SABIA QUE NO
SUPERMERCADO
BOM GOSTO
TUDO É MAIS BARATO?

**SUPERMERCADO
BOM GOSTO**

RUA PARAGUAY, 2290
☎431-3246
PONTA PORÃ-MS

teyu'i

Revista Cultural
Abril/Maio de 1995

Teyu'i

é uma publicação cultural
bimestral, com textos em
português e espanhol,
impressa por

GRÁFICA NICE

General Bruguez esq. Iturbe

☎ 3860

Pedro Juan Caballero
Paraguay

Editor

Douglas Diegues
Editora Assistente
Beni A. Diegues

Conselho Editorial

Manoel de Barros
(Campo Grande-MS)
Sérgio Rubens Sossella
(Paranavai-PR)
Sérgio Medeiros
(Paris-França)
Luis León Bareiro
(Asunción-Paraguay)
Douglas Diegues
(P. J.C.-PY / P. P. -MS)

Todas as ilustrações desta
~~Atua~~ edição são de
Thelma Paniagua

Agradecemos
a todos
que colaboram
neste número

EDITORIAL

Esta edição é uma pequena homenagem que fazemos ao poeta Manoel de Barros.

Apesar dos que sabem de tudo e da Academia Sueca, hoje ele é um dos maiores poetas vivos do continente americano e um dos melhores que já aconteceram na língua portuguesa.

Atualmente com mais de 70 anos de estrada, o matto-grossense Manoel de Barros ainda não degenerou em adulto, e isso também nos alegra muito.

A sua fidelidade ao desprezível, a sua voz carregada de lesmas sóis e garças e o seu amor pelas coisas desimportantes vão além do meramente estético e chegam a ser também uma desprezível deslização de vida para a nossa época - uma época corroída e corrompida pela moeda e pelo ódio, pelo horror, pelo medo, pela fome e pela hipocrisia.

Quanto ao mais, que esta edição seja ao mesmo tempo uma pequena homenagem à vida e aos que ainda não perderam a esperança de que um dia o sol brilhe para todos.



Í N D I C E

PÁGINAS 4,5, 6 e 7 - A entrevista com Manoel de Barros foi feita por escrito, entre meados de 92 e o final do ano passado.

PÁGINAS 8, 9 e 10 - Aurora F. Bernardini é Tradutora (O Nome da Rosa, O Deserto dos Tártaros) e professora de Teoria Literária e Língua Russa da Universidade de São Paulo. Sua colaboração generosa deixa esta edição menos pobre.

PÁGINA 11 - Este fragmento integra a obra em progresso "No Sertão do Pantanal: conversamentos com Guimarães Rosa", que o poeta iniciou há alguns anos e não tem data certa para concluir.

PÁGINAS 12 e 13 - Nestas páginas o poeta paranaense Sérgio Rubens Sossella compartilha com os leitores um trecho do seu "Dicionário crítico para Manoel de Barros", que elabora pacientemente há mais ou menos 3 anos, e que, segundo ele, complementará seu estudo intitulado "Manoel de Barros - Encantador de Palavras".

PÁGINAS 14 e 15 - Estes poemas inéditos foram enviados generosamente por Manoel de Barros em primeira mão para esta edição.

PÁGINAS 16, 17 e 22 - Jamil Sene, Wilson Bueno, Antônio Houaiss, Augusto César Proença, Sérgio Medeiros, Ismael Cardim, José Geraldo Couto, Sérgio Rubens Sossella, Washington Novais e Douglas Diegues compartilham nestas três páginas suas impressões sobre a poesia do anti-óbvio Manoel de Barros.

PÁGINA 18 - Este breve diálogo com Antônio Houaiss, via telefone, foi gravado recentemente para esta edição. Antônio Houaiss, tradutor de Ulysses de Joyce e um dos maiores conhecedores vivos da nossa língua e literatura, dispensa apresentações.

PÁGINA 19 - Henryk Siewierski é polonês, tradutor, ensaísta, e atualmente professor da Universidade de Brasília. Junto com um belo artigo sobre o "Antropo-ex-centrismo de Manoel de Barros", ele nos enviou uma mostra de Manoel de Barros em polonês. Segundo Henryk, Manoel de Barros integrará uma antologia de poetas brasileiros, que será publicada na Polônia. Aproveitamos esta nota também para agradecer (e agradecer) o recebimento do excelente "Sanatório", de Bruno Schulz (Imago Editora), que ele traduziu em colaboração como o poeta Nelson Ascher.

PÁGINA 20 - Quando menos esperávamos, chega de Asunción del Paraguay este retrato cheio de vida escrito pelo poeta argentino Jorge Montesino, para quem a poesia de Manoel de Barros foi uma das melhores coisas que leu ultimamente.

PÁGINA 21 - Esta Carta ao Joel foi escrita por Manoel de Barros para o filme "Caramujo-Flor", de Joel Pizzini Filho. No final de 1992, o cineasta nos cedeu uma cópia da Carta, que pela primeira vez é publicada na íntegra. Ao sumido Joel, o nosso melhor abraço.

PÁGINAS 23, 24 e 25 - Esta mostra da coluna literária redigida por Manoel de Barros na década de 60 só foi possível graças ao empenho do jornalista Pedro Spíndola, que com admirável paciência de traça etnista vasculhou os arquivos do jornal "Correio do Estado" e nos deu uma cópia do que encontrou.

Assessoria Especial
Lic. Hugo Jiménez Medina
Rosana Moreira de Araújo

Endereço

Rua Baltazar Saldanha,
610/27 - Ponta Porã - MS
79900-000 - Brasil
☎ (067) 431-2112

"Um homem que possui um
pente e uma árvore
serve para a poesia"
por Manoel de Barros em
Matéria de Poesia

Esta edición cuenta con la
valerosa colaboración de la
Intendencia Municipal de
Pedro Juan Caballero,
Administración
Eusebio Filemón Valdez.



LIVRARIA
DAZIBAO

Visconde de Pirajá, 571-B
259-1298
Voluntários da Pátria, 367-A
286-5756
Pça. XV de Novembro, 48-E
252-4537
Rua do Catele, 314
225-3221

*Acho a linguagem mais saudável quanto
ela cultiva o despropósito.*

CONVERSA COM O POETA QUE NÃO DEGENEROU EM ADULTO

Entrevista a Douglas Diegues

teyu'í - O que é poesia para você?

Manoel de Barros - Passarinho que voa fora da asa é poesia. Girassol que de noite se adorna de águas, também. Só desse jeito que ousa dizer o que seja poesia.

teyu'í - Por que você escreve?

M. de B. - Acho que a gente escreve para se descobrir. Todo invento meu é uma aproximação de mim. Nossas maiores verdades são inventadas - alguém já disse. Escrevo para chegar mais perto da minha fonte, das minhas antecedenças.

teyu'í - Como se dá a relação Experiência-Poesia em teu trabalho? Como o visto e ouvido tornam-se o dito?

M. de B. - Às vezes tenho vontade de confessar que a minha experiência de vida é muito parca. Não sei o que se passou comigo desde ontem. São as palavras que me inventam. O que eu vi, o que li, os lugares por onde passei, as aldeias em que morei, os mosteiros e lupanares que frequentei (em Oropa, França e Bahia) - foi tudo pro fundo de um poço escuro que eu sou. Estou narcisado no fundo do poço escuro. As palavras que chegam ao verso estão visquentas de mim. Às vezes penso que sei por um lado vesgo do olho e por ouvido moco. Carrego tortidões de ver e tortidões de ouvir. Tem hora o corpo fônico de uma palavra provoca em mim correspondências remotas. Repetições constantes de letras fricativas ou dentais, zoantes ou guturais me toldam. Ao ponto de eu enxergar em alguma vileza: a pura inocência. Pra mim tudo isso é sempre muito instintivo.

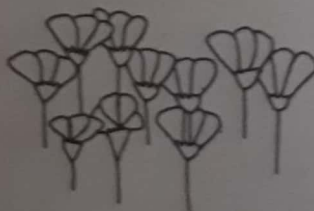
teyu'í - Muitos escritores -o W.

Faulkner era um deles- parece que só escreviam de porre. E você, Manoel, escreve bêbado ou escreve são?

M. de B. - Literatura porrista me lembra literatura de inspiração, coisa que me parece um rio urinário. O porre me deixa burro e com inclinações ao preciosismo. De porre me acho brilhante. E isso é perigoso. De repente a torrente que jorra são sandices.

teyu'í - Você tem alguma teoria de lagartixa?

M. de B. - Sou convencido que as lagartixas de parede, quase sempre translúcidas e tensas, só apareceram no mundo depois que o homem saiu do relento e fez sua primeira casa. Então chegaram as lagartixas para ocupar as paredes. E se tornaram súbitas e tensas pelo entrar e sair das pessoas na casa. Depois se foram tornando translúcidas, por defesa, afim que apareçam menos à luz. Lagartixas de grotas, que são escuras na casca, aparecem mais. As que moram debaixo de táboas são mórvidas por grilos e mosquitos. E as de monturo detestam realzeza. Entretanto, entre tantas!, sei de uma (em guarani *teyu'í*) que alarga os espíritos.



teyu'í - E no Pantanal, tem sapo boreal?

M. de B. - Só no empalidecer da aurora que sapo assume o boreal. Ele tem um descante amarelo antes do sol aparecer. Jamais ninguém vai conseguir saber os destons desse amarelo, se não for do Pantanal. Conheço um garoto que consegue.

teyu'í - Poderia nos falar um pouco de Neto Botelho? Tá vivo ou já virou alma?

M. de B. - Neto Botelho é meu amigo de infância e fé. Está vivinho e lerdo. É a criatura mais parecida com Kirilof (um dos irmãos Karamazov) que conheci. Nega a existência de Deus e O blasfema o dia inteiro. Uma noite falou: mas o que não existe não se nega! Portanto, ao negar Deus eu estou confirmando Ele dentro de mim. Ficou espantado. Eu sou de Deus. E ficou sendo. Hoje esse Neto Botelho berardeia 82 anos. E quer virar serpente. Disse que já não vive. Que rola borra abaixo como bosta de cobra, se ferindo nas pedras. Continuou. Eu quis muito ter um filho com uma árvore - como os lagartos. Não pude e então escrevi um livro de nome Andante Putamente. É o livro da minha indignação. Nele estão as tripas do meu espírito. Ali estou cheio de lodo por dentro como os velhos navios naufragados. Até a solidão me abandonou. Só o tédio ainda se prega em mim. Estou sem eternidades e sem editor. Também os editores não são burros para editar Andante Putamente, assim, à toa. As palavras do livro se criaram que nem filhotes de ema, nos campos, emancipadas. Sou agora uma

Grilo é um ser imprestável para o silêncio.



de versos. Às vezes jogam montar um verso em vários poemas. Então a poesia conta onde esteja precisamente o tal verso.

peessoa breve. E nem tenho grandes preparações para defunto. Quer ver um poema do meu último livro? (Quero) Chama-se O VELHO. Ser velho é assim: Você quer correr, a perna te amarra / Você vai pular, quebra o braço / Você vai comer, cai um dente / Você vai olhar, entra uma nuvem na frente / Cai o cabelo / Cai o pau / Você é uma ruína concupiscente / Começa a entrar gafanhoto, morcego e aranha na sua entidade / crescem ortigas no seu abdômem / A última esperança: ser beijado por moscas cintilantes.

teyu'á - Se você um dia tivesse que dizer algo aos jovens poetas de hoje, que diria?

M. de B. - Repito o que disse uma vez: que os jovens se afastem da necroverbose dos acadêmicos. Essa gente já morreu e ainda anda por aí enchendo as ruas de pernas. Não desconfiaram ainda que existiu no começo do século uma revolução estética. É gente que já morreu e está andando. Me lembra uma história da guerra do Chaco que um paraguaio me contou. Estavam brigando de machete. Os inimigos correram. Os paraguaios foram atrás perseguindo. Na corrida iam decepando cabeças. Algumas cabeças decepadas ainda corriam 20 metros antes de cair... Ainda enchiam de sapatos 20 metros de charco. Há muitos acadêmicos morrentes que ainda encham as ruas de sapatos.

teyu'á - Você está preparando 2 livros para breve. Poderá falar um pouco deles?

M. de B. - Pra meu gosto eu estaria preparando mais 2 ou 16 livros. Mas o que consigo fazer num dia ou num



mês - pode ser menos de um verso. E pode ser que 16 versos. Cai na asneira de prometer ao meu Editor um livro de prosa. Fico enxugando a prosa, cortando palavras, castrando frases e quando assusto tenho nas mãos não mais que meio verso. Guardo, aproveito esse resto e rasgo os demais. Acho que vou dar um bolo no meu editor. A prosa me dissolve. Agora estou compondo três poemas que pretendo seja um novo livro. Falo de uma pessoa-traste que se chama Catre-Velho. Outro sobre um vaqueiro mefistísico que se chama Bugre Neto. E o terceiro sobre o andarilho Zarasteu que me disse uma vez: Não preciso do fim para chegar. Ele anda e escreve. E escreve em idioleto manóelês* arcaico. (Idioleto é um dialeto que os idiotas usam para falar às paredes e às moscas.) Zarasteu quer chegar ao borrão das palavras, ao desperdício delas. E diz mais, com a sua mania de limpeza, que: Para tirar das palavras o ranço das solenidades - usarei bosta. O idioleto usado por Zarasteu fica perto do coxo.

teyu'á - Você é um poeta do olho, da imagem, da vidência anti-óbvia. Fez inclusive um curso de "como ver cinema", lá nos sertões de Nova York. O que você aprendeu ou aproveitou do cinema para a poesia?

M. de B. - Gosto de tirar matizes novos da mesmice. A linguagem do cinema, por exemplo, me fascina por motivo que ela retira da natureza a naturalidade. As mesmices da natureza se desmancham na linguagem do cinema. Vi um filme onde havia uma rua deserta e um bêbedo lá longe capengando. Podia ser Car-

litos. Pois bem, o cineasta, aquele, fez com arte e magia que a rua parecesse capengar mais do que o bêbedo. Foi um fascínio para mim ver a rua capengando. Gosto de olhar de retravés: ver por dentro, ver por de viés, por de condor. Acho, pensando hoje, que eu não queria fazer cinema nenhum em Nova York. Eu só queria extasiar-me. O que aprendi do cinema foi desfocar o universo.

teyu'á - Onde você aprendeu a encostar o verbo na natureza?

M. de B. - Penso que não se aprende isso em lugar nenhum, em livro nenhum. Se trata de coisa virtual. É o dom em nós. É Dominus em nós. É o Senhor em nós. Vem de obscuros instintos. Se você se procurar nas suas memórias fósseis há de encontrar por lá algum tarado de quem você recebeu o dom. Bem porque se encostar a natureza é um ato erótico. Costumo pensar nesse encostamento como um exercício de procreação. Seria uma atitude germinal. O mesmo que encostar o falo na pevide. Aliás, sua pergunta é sábia. Quem se encosta na natureza é mesmo o verbo e não eu. Se a primeira importância de um texto for entregue ao verbo a arte aparece melhor.

teyu'á - Alguns críticos dizem que não entendem a sua poesia. Outros querem compará-la com Shakespeare para ver quem é melhor. O que você acha dessa crítica tipo "Deixa que eu chuto" e qual seria para você o papel da boa crítica literária?

M. de B. - Tenho um respeito especial pelos críticos. São pessoas

afeta, nefasta
~~afeta, nefasta~~
 Cantar do que não passa, poeta, pois o que passa
 desceve às nuvens.

||

disciplinadas. São pessoas sensíveis para as artes mas que lhes não foi dado o dom de criar. São pessoas cultas e estudiosas, capazes de destripar nossos textos e pinchar as tripas para os urubus. Deixam-nos ressecados de mistérios. Os urubus chupam tudo. Acho que o bom crítico literário é aquele que desexplica com melhor clareza os nossos textos.

teyu'i - A mídia às vezes refere o "poeta pantaneiro" tentando folklorizá-lo, patrimonizá-lo, etc. Afinal qual o teu estilo?

M. de B. - Acho que o estilo não provém do lugar onde se nasceu nem do clima em que se criou. Como também não depende dos nossos estudos. Estilo é marca genética. Promana de encontros com antecedenças adoecidas. Estilo é um fenômeno patológico da linguagem. Estilo que se preza é coisa que escandaliza o entendimento. Resulta de ações imprevisíveis de um ser sobre o seu idioma, ou a sua tela, ou às suas imagens, etc. Nove ou sete coisas dão caráter ao estilo literário - do que sei. Uma: vocação do sujeito para explorar os mistérios irracionais. Duas: percepções de contiguidades anômalas entre palavras. Três: ser repositório de coisas da infância. Quatro: Ter amor pelas coisas imprestáveis. Cinco: comparecer aos desencontros interiores. Seis: Ser afásico no sentido que Jakobson falava (caso de um ser que não pode nomear as coisas e sai por símeles, por metonímias). Sete: o fato de algumas fibras cerebrais que, conforme a espessura, podem provocar rupturas abruptas nos textos. Seria o caso de um estilo por trancos. O estilo é antes e por tudo

que sei um adoecimento que ataca o verbo.

teyu'i - Lagartixas e Lua se gozam na Primavera?

M. de B. - O que eu vou contar é uma alegoria. Nem foi uma visão. Em 1943, de tarde, eu estava na varanda de um sobrado em Corumbá. Um sujeito que tinha sido TREVO estava encostado a uma parede. Nessa parede outra lagartixa. O sujeito que foi TREVO portava um alicate. A lagartixa bem olhava para o TREVO. Ponho que fosse um olhar meio libidinoso. Havia Primavera em nós. A Lua bateu sobre a lagartixa e o alicate. Salvo não seja penso que a Lua se gozou na Lagartixa. Nada no sobrado se alterou. Depois a lagartixa comeu o TREVO que fora gente. Partiu-o em 3 e comeu. Hoje eu penso que o homem ainda não tinha se transformado em TREVO ao completo. Não se completara ainda a metamorfose. Pois como explicar a presença daquele alicate nas mãos do TREVO?

teyu'i - Octávio Paz diz em "Conjunções e Disjunções" que a literatura erótica ocidental, "de Sade à História de O, era um longo bino fúnebre ou uma pantomima sinistra..." Em sua poesia, pelo contrário, o erotismo é feliz. Como você percebe a coisa do erótico em sua poesia?

M. de B. - O mundo de um poeta é quase sempre contaminado de sua inocência animal. Seu olhar é verde para as coisas. Verde de beijar as folhas, de beijar as fêmeas, de tocar as águas. O sentir do poeta é penetroso. É sensual. Penso que esse possuir pelos sentidos há de causar

uma excitação nas palavras. Acho que é sempre uma coisa excitante olhar as formas. Isso pra mim chega até de molhar as palavras.

teyu'i - Poderia nos falar um pouco da obra da Wega Nery?

M. de B. - Fiz um poema que consta do Catálogo sobre a mostra dos 50 anos da pintura de Wega, no Museu de São Paulo. Não me lembro do poema e não o tenho à mão. Mas eu disse mais ou menos isto. Pedi que o mundo não abandonasse meus olhos para que ainda eu veja as tardes dependuradas nos cinzentos de Wega. Que eu pudesse ver ainda a dor da criação nos seus atormentados amarelos. E que nos trapos vermelhos caídos sobre as águas de Wega, eu visse a paixão dos homens. Pedi que nos verdes luminosos que atravessam as paisagens imaginárias de Wega, que nos seus verdes aborígenes, eu visse também as suas antecedenças pantaneiras. Foi essa mais ou menos a chave do meu poema. E serve de meu amor à poesia e à estética de Wega.

teyu'i - Como é o teu cotidiano? Você estuda (lê) muito? Prefere escrever no mato ou na cidade?

M. de B. - Leio pouco e estudo menos. Mariposeio sobre livros. Só paro de vez nalgum livro quando levo um susto. Quando encontro uma palavra fértil. (Fértil para aquele momento meu.) Fico sonhando sobre essa palavra, em cima dela. E de repente encontro para ela uma sintaxe inconexa. Um encaminhamento de mim. Em geral minhas leituras acompanham meu faro, meu instinto de criar. No meu cotidiano (fora vadiar), tomo nota de expres-

Onça eves a hostowens. Tem hora deo avener, tem hora Proust. O dia vai morar aberto em mim.

Eu faço o nada a parcer.

Manoel de Barros

CSA



Sou muito preparado de conflitos.



sões inusuais que escuto nas ruas ou que leio nos livros. Embrulho e misturo tudo para compor algum verso. Porém se encontro uma expressão muito enfeitosa - desconfio. Preciso me dizer de um modo magro. Pra responder ao fim: nunca escrevi uma só linha no mato. Quero estar junto dos meus dicionários, para escrever.

teyu'í - Dizem que para que o escritor possa escrever sem preocupações, ele necessita de certo conforto, estabilidade financeira, etc. Lezama Lima, que não teve quase nada disso, deixou-nos obras de rara qualidade no contexto da literatura iberoamericana... Qual seria para você a condição ideal de um escritor?

M. de B. - Preocupações de ordem financeira me paralisam para a criação. Sei, sabemos de grandes artistas que criaram e criam no meio de tempestades e até de fome. São tantos na conta do nosso querido Lezama! Dostoiewski, um deles, escreveu seus livros apertado por credores e necessidades massacrantes. O mundo é sortido, hélas! De minha parte preciso do ócio para trabalhar. Agradável observar que as verdadeiras obras de arte ficam isentas do sofrimento físico ou não do autor. Possuem existência própria. Não têm nada a ver com as agruras de quem as inventa. As aperturas do nosso Lezama Lima não aparecem nos seus poemas. Que são aliás brilhantes de sabedoria.

teyu'í - Fale-nos um pouco das ruas por onde anda em Campo Grande...

M. de B. - Eu ando toda tarde em volta de um quarteirão que não tem

casas. Só muros. Só paredes sujas de idade e chuvas. De inseto e ventos. Há paredes confortáveis para insetos. Sobremaneira moscas. São moscas que negam estribo e não se deixam pegar. Gostos das manchas de musgo e de riscos nas paredes. Observo os caminhos luminosos por onde os caracóis passeiam. Gosto de andar por ruas desertas. Não sei se estou me esgueirando por paredes ou por alguma solidão.

teyu'í - Quando um verso está sol?

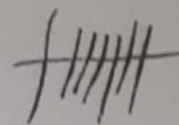
M. de B. - Seria quando a gente alimpa ele de algum verniz, de alguma semostração, de brilhos falsos, de preciosismos, das dores de corno e coisas que tantas. É preciso que o verso seja o indizível pessoal de cada um. Que as nossas caras e as nossas verdades não sejam expostas senão de costas. Que seja o verso um disfarce de nós, uma pose ambígua. A despersonalização serve para multiplicar o que a gente é. "O verso tem que ser o véu e a capa de uma outra coisa", como queria Fernando Pessoa. O verso está sol quando seja apenas linguagem.

teyu'í - Manoel, estou sabendo que você foi à XXII Bienal de Artes Plásticas em São Paulo. Pode contar alguma coisa do que viu?

M. de B. - Na porta da Bienal eu parei e troquei. Troquei de olho. Botei meu Olho Parvo. Que é aquele olho com que eu vejo as coisas de arte. Aquele olho que tem um pouco de criança e de idiota. O sentido da idiotice ainda não é bem visto pelos mestres, mas ele ajuda no desentendimento. Meu olho parvo, quero ressaltar, ele vê as coisas desimpor-



Em demonstrar a função dos dependentes.



tantes com melhor insensatez. Noitei nos artistas mais novos desta amostra internacional um gosto por restos. Uma tendência de aproveitar o que não presta mais pra nada. A história é esta: Primeiro o artista (falo deste século) quis se afastar da natureza por fastio dela. Então começou a deformar as coisas e todos os seres. Deformou. Fez mulheres de 4 peitos. Fez cavalo verde. Fez noivas avoando. Depois se afastou mais. Fez uma outra arte sem referências do mundo. Os nossos abstratos. Logo se enfatiou dos cavaletes e foi fazer objetos. Objetos que não funcionam. Vi 9 latrinas em flor, encostadas a uma parede. As 9 em fila, pintadas de um verde sujo e neutro. Todas sem saídas para esgoto ou varanda. Estavam ali inúteis e em fila. APROPRIADAS para o desuso pessoal de cada um. Gostei. Depois vi um prego enferrujado, preto, comido pelo chão durante séculos. Ele estava pregado em uma parede de 8 metros. O dono da solidão. Que prego! Me lembro das obras de Arthur Bispo do Rosário - 802 obras. Estandartes, roupas, objetos mumificados, Miss Universo, Lampinhas, pedaços de lençóis encardidos, fardões da Academia e outros restos. Às vezes o Bispo do Rosário, um artista negro que viveu 50 anos no manicômio, se proclamava. JESUS. Ele criou um novo mundo. Vi algumas semelhanças nas obras desta Bienal com os inventos de Bispo. Acho que pode ser culpa de eu ter colocado meu Olho Parvo para ver aquelas obras. O resto é como diz o Millôr: Novo mesmo só coisa muito antiga.

**Pego emprestado aos editores da revista teyu'í esse adjetivo manocelês.*

*Queria ficar mais simples, queria ficar mais poético -
para perder-me de amor.*

DIÁLOGO

por Aurora F. Bernardini

O crítico assumir a mesma linguagem do poeta para falar sobre a sua poesia é um fato incomum, mas isso às vezes acontece: no Brasil, temos o exemplo de Augusto Meyer, que, ao comentar a obra de Virginia Wolf, escreveu um conto à maneira de Virginia Wolf. Mais tarde, David Arriguci, ao discutir num texto a poesia de Manoel Bandeira, exercitou-se na linguagem de Manoel Bandeira.

O exercício crítico-poético que se segue se inscreve nessa tradição: é um diálogo com Manoel de Barros (seus poemas são apresentados com o número que se refere à página se sua antologia poética -Gramática Expositiva do Chão (1990)-, de onde foram retirados) através da linguagem de Manoel de Barros, a sua poesia, a nossa poesia. (A.F.B)

Porém a cidade era em cima de uma pedra branca enorme

E o rio passava lá embaixo com piranhas camalotes pescadores e lanchas carregadas de couros vacuns fedidos. Primeiro vinha a Rua do Porto: sobrados remontados na ladeira, flaboyants, armazéns de secos e molhados...

(43)

Primeiro vinha o branco
lá no alto.
Depois a senda, o percurso,
o pedregulho da descida
e o lagarto escrachado.
Sol, relva o lamento
do cão caolho.
Enquanto
as larvas dormiam
na palma verde da amora.

E mais o Cinema Excelsior onde levavam um filme de Tom Mix 35 vezes por mês.

E tudo o mais.

Escrínio entretanto era a Negra Margarida
Boa que nem mulher de santo casto:

(44)

O cinema!
O gozo do movimento
sem cores, sem palavras
somente sombras de imagens se chocando.
E quando?

Até rolar pela barranqueira
E desaparecer.
Foi parar nos fundos de um precipício.
Lá onde branquejam os ossos de Sargento Aquino,
fuzilado na revolta de 1917
Debaixo de um tarumeiro.

(48)

A vibora
Quem visse
Era branca e esguia
Cabia em meu chapéu de pano.

Cenário de luar. Segundo ato
(53)

Do mezanino emanava
uma descida teatral.
Apenas os degraus
tinham segredos maus.

RUA DOS ARCOS

A rua era assobradada
Decadente de ambos os lados
(59)

MANHÃ DE DOMINGO

Escadaria espaiada
De seixos claros

VIZINHO

O sonolento arrepio
Do gato mourisco

INFÂNCIA

Luzes sonoras orientam
A chegada do bonde

INVERNO

O bafo quente
Do frio

Só as coxas nasteiras me celestam

Além das essências, a que dá poesia aos versos
é o ilogiemo;



Ervas telhigas crescerão
Nos interstícios do ser
E o que foi música e sede de garças
Há de ser pasto de águas...
(80)

Raros momentos!
Infunde-me a paz
A comunhão vegetal.
Onde o fogo, agora,
Onde, premente, o ardor?

Havia uns sonhos
Dependurados como roupa.
Uns pobres ornamentos de pano e móveis
Gâmbias dispersas,
Catavento. Perto
Havia um barco.
Barco ou peixe?
Não pude precisar.
(84)

Havia uns sonhos.
Agora, simplesmente, o ser.

O branco ombro de minha casa antiga!
Quanto desejo de amar,
De fugir,
De padecer,
De pedra ser, que me dava
Nas tardes da fazenda!
Quanto desejo de chuvas
E de rebrotos
E de renovos
E de ombros nus
E de amoras
Sobre as raízes descoberto!

(81)

A casa que já não importa:
portas claudas como a parede
quartos sombrios como a sebe
que a separa da borta.

Mas o espelho, principalmente,
sempre espreitando no muro
vazio, líquido e escuro,
que me ilumina somente
com o trépido semblante
da moça incansa que eu era.

Flores obscuras
na minha infância
desabrochada
continuada
na adolescência
perto de casa,
na vizinhança,
solto na rua
como uma fruta

covil aberto
de mil acenos,
cobra na rua
que me mordida
que me injetava
sutis venenos...
(93)

Giz branco riscando muros rubros
A sirene da fábrica silvando
O infundo perfume da magnólia
E o velho bêbado agarrando, apertando.

Barquinhos de abóbora singrando
ondas no tanque
enquanto na casa do cantaro
grilos decapitam gafanhotos.

Em compensação na adolescência
Um pato ressuscitou.

Passeio nº1

Depois de encontrar-me com Aliocha Karamazoff,
deixo o sobrado morto
Vou procurar com os pés essas coisas pequenas do chão
perto do mar
Na minha boca estou surdo
Dou mostras de um bicho de fruta.
(190)

Passeio nº0

Depois de desencontrar-me
Passiei.
Esperei o sol se esconder atrás do ocaso
E se espriaiar por sobre a areia molhada
E a água se retirando devagar
Para dar lugar
À morte irisada do sol.

Acho que é sempre uma coisa
excitante olhar as formas. Mas que não
chega até a molhar as palavras.

Escrita sem qualquer intenção de ser uma obra de arte. É apenas um jogo de palavras.



Passeio nº 4

O homem se olhou: só o seu lado de fora subindo a ladeira...

Caminhos que o diabo não amassou - disse.

Atrasou o relógio.

Viu um pouco de mato invadindo as ruínas de sua boca!

(191)

Passeio nº 6

A concha se fecha
sobre suas úmidas delícias.

Só sei por emanções por aderência por incrustações.

(203)

Somos por orifícios.

De modo que se fechou esse homem: na pedra
: como ostra: frase por frase, ferida por
ferida, musgo por musgo: moda um rio que
secasse: até de nenhuma ave ou peixe. Até
de nunca ou durante. E de ninguém anterior.
Moda nada.

(206)

Na pedra como na água
Na noite como na estrela
O sempre nos ilumina

No lenho como no âmbar
No tempo como na brisa
O sempre nos paralisa

No ninho como na estrada
No vento como na esquina
O sempre nos descaminha.

XI

Coisinhas: osso de borboleta pedras
com que as lavadeiras usam o rio
pessoa adaptada à fome e o mar
encostado em seus andrajos como um tordo!

(209)

Rio de ossos à mostra
e água correndo
mansa, de repente,
o ruído do escuro.



desexplicar - me ao dente, com clareza,
para que me reconheçam. Tenho de me
cercar de imprecisões. Tenho de respeitar

O que eu ponho de central no meu escrito
é apenas uma vigília, para eu não
cair na tentação de me achar melhor
tudo que os outros.



XIV

A essa vida em larva que lateja debaixo das
árvores, o sabiá se entrega.
Aqui desabrocham corolas de jias!
Aqui apodrecem os vãos.

(211)

Os caracóis translúcidos e apinhados de abelha
Preferem losna ou alecrim
E gostam da sombra branca do verão.

- A partir da fusão com a natureza esses bichos se
tornaram eróticos. Se encostavam no corpo da natureza
para exercê-la. E se tornavam apêndices dela.

(285)

Casca de escaravelho negro
Quando seca e estirada
Serve de brinco às donas
Que a acham na estrada.

V

Sonham os musgos
De o revestir.
É referente de conchas
A lua elide os véus para ele.

(287)

O musgo é vivo
de verde e pistilos.
Seu desígnio
o eterniza.

Sapos com rios atrás de casa atraem borbole-
tas amarelas.

(255)

Iris atrás da usina
e asfódelos
Também atraem meninas
e névoas.





— Estou vendo os caracóis no Tachá da Convergência. Na
Verdade estão paralisados numa prosa, não consigo lê-los.

PRIMEIRO ENCONTRO COM ROSA

por Manoel de Barros

Prêmio das palavras iniciadas que saem até na boca
do pássaro. As que ainda não aprenderam a andar.
As que sejam ainda uma estultícia.



Por impulso de admiração peguei em Porto Esperança o vapor
Fernandes Vieira que levaria o escritor Guimarães Rosa até
Corumbá, pelo rio Paraguai. Era de noite entre árvores. Águas
paradas no escuro. Calor e mosquitos levaram os passageiros
para os camarotes. Manhãzinha, outro dia, um vento macio e
alvo soprava. Rosa saiu cedo do camarote. Estava sentado no
tombadilho tomando fresca. Do bolso da paisagem borboletas
queriam escapar. Rosa abriu a paisagem e as borboletas saíram.
O corpo do vapor quase tocava nas árvores do barranco. Andava
essa lancha que nem um cágado travado. Dava pra ver nas
lapas abertas lontras dormidas. Dava pra ver um rancho
amanhecendo. Talvez uma chácara amanhecendo. Dava pra ver
um curral de bezerros, um homem e um menino parados. Eu
fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João. Nessa
hora as mariposas relavam na água as bundas. Uma
anhuma rasou por cima de nós, tocando fagote. Eu disse para o
Rosa ouvir: O canto desse pássaro diminui a manhã. Rosa pôs
tento. Ele tinha uma sede anormal por frases com ave. Me
olhou sentado na frase e se riu para mim. Gostou que eu
estava fraseando no vento. Quer dizer que esse anhumina diminui
a manhã? - ele perguntou. Eu disse: um homem que não tem
ensino me ensinou. Ele não tem informação das coisas, mas
adivinha. Rosa disse: Quem acumula muita informação pode
perder o dom de adivinhar. São as obscuridades coerentes
do povo. Vai daí começamos a prosear lourenço.

Sempre que eu digo contan alguma história, não
falo nada; mas quando eu não digo contan nada,
invento imagens.



Na aplicação muito bem no estudo do movimento
para saber melhor o lugar em que posso encaixá-lo.



Canego meus primórdios num andor

UM DICIONÁRIO CRÍTICO PARA MANOEL DE BARROS

por Sérgio Rubens Sossella

*Tento escrever com a mais séria irresponsabilidade:
afim que não me chamem de conspícuo nem beletista
nem acadêmico.*



aguinha. Bem pouca água. Ex.: "Ali tinha um jacaré morador magrento / compartilhando essa aguinha bem pouca". ("Poemas concebidos sem pecado", p.64). O terrível bicho, com unicamente uma pequena asa (arcaísmo de Portugal: "aguinha"; "novo dicionário etimológico da língua portuguesa", de Rodrigo Fontinha, rev. pelo dr. Joaquim Ferreira, p. 1907; Editorial Domingos Barreira, Porto, s.d.), assustou a pessoa de Cláudio. Depressa, sem demora. (Do mesmo autor, p.1.918, no verbete do advérbio "asinha"). Mestre Aurélio ("Novo dicionário da língua portuguesa", p.69, 1ª col.; 2ª ed., rev. e aum.; Editora Nova Fronteira S.A., Rio de Janeiro, 1986) conceitua "aguinha": depreciativo brasileiro para o medicamento homeopático em gotas. Feminino, singular, diminutivo, substantivo.

alga. "Dentre grades se alga, ele!" ("Arranjos para assobio", p. 58). São as mais simples das verdadeiras plantas (Ian Tribe, O reino vegetal", p. 30; Col. "Prismas", 23; Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel/Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975). Porque "têm um ciclo vital muito mais simples", duram "de meio a um dia" (Siegfried Strugger, "Biologia 1: botânica", p. 153; Col. Enciclopédia Meridiano Fischer", 9; Editora Meridiano, Limitada, Lisboa, 1970), sendo uma planta inferior (p. 255). Dentre grades, algo (pronome indefinido: alguma coisa qualquer ou parte de alguma coisa qualquer; advérbio: *algum*, um tanto pouco), que se alga. Algo, elemento de comparação, exprime a idéia de algas (Aleixo Robut et al., p. 51, 2ª col.), de dor e de frio. "Dentre grades se alga, ele!": *algum*, adj. que se aplica sem determinação a uma pessoa ou coisa entre muitas; um qualquer. Verbeté próximo de *alguém*.



— mais conhecidas

Por lava-bundas -



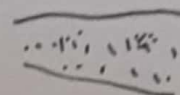
De noite o silêncio estica os lírios.

amare luz. Amarelo + luz. O amarelo em todas as gradações luminosas. Substantivo feminino. Do baixo-latim hispânico "amarellu" e do lat. "luce". Augusto Magne, "Dicionário etimológico da língua latina: famílias de palavras e derivações vernáculas", vol. I, p. 238 (Ministério da Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1952): a filiação no adjetivo latino *amarus* do adj. *amarelo*, se aplica, "de princípio, a plantas de raízes amargas." Luz amarga. Ex.: "Escorre na pedra *amare luz*." ("Arranjos para assobio", p. 22).



andarejo. (andar + adj. andejo: aquele que anda muito - andarilho, e por muitas terras; ao acaso, errante, vagabundo, vagueante). Põe ênfase na raiz *and* e ainda manteve a sílaba "ar", formando andar, de novo. Se quisesse dizer, o andarejo é o que caminha muito, teria anotado "caminharejo", ou "caminhejo". Por aproximação com o vocábulo *viejo* (esp.), e, mais de perto ainda, ao que J.R. Cuervo chama "desinência" nas "Apuntaciones", "que a la vez está incluída bajo la denominación general de sufijo" (Juan B. Selva, "Trascendencia de la gramática de Bello y estado actual de los estudios gramaticales", p. 46; Editorial Kapelusz, S.R.L., Buenos Aires, 1950), me utilizo da denominada "qualidade abstrata" ("Gramática da língua espanhola: antologia e exercícios", de Maria do Céu Carvalho e Agostinho Dias Carneiro, p. 279; Fename - Fundação Nacional de Material Escolar/Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1969) para o sufixo nominal "ejo": diminuição, pendor, tendência, aparência, relação, procedência, residência. Ex.: "Pierrô é desfigura errante, *andarejo* de arrebol." ("Arranjos para assobio", p. 18).

O sentir do poeta é penetroso. É sensual. Penso que em poesia pelo sentido há se causar uma excitação nas palavras.



areientas. Ex.: "Um lagarto de pernas *areientas* / medra na beira de um livro". "Arranjos para assobio", p. 50. Areia, em latim = *arena*, ou *harena*; lugar coberto de. *Arei(a)* + *entas* (desinência peculiar a alguns adjetivos numerais cardinais", conforme Carlos Góis, "Dicionário de afixos e desinências", p. 66; 4ª ed., s.e., s.l., 1946). Ou areentas, arenentas, arenosas. O sufixo "-oso", igualmente, forma os prenotados adjetivos que sinalizam abundância. Arena, português e brasileiro: circo; espaço central onde os artistas se exibem. O espetáculo é o lagarto: "Em relação ao lado externo, contra a cidade, o circo representa uma mulher *inanimada*. Em relação ao lado interno, ele ergue uma muralha de homens. Todos os presentes viram suas costas para a cidade. Eles se desprenderam da ordem da cidade, de suas paredes, de suas ruas. Durante sua permanência no circo não lhes importa o que acontece na cidade. As pessoas deixam para trás a vida dos seus relacionamentos, de suas regras, de seus usos e costumes. Sua permanência em conjunto em grande número está garantida apenas por um determinado espaço de tempo; a excitação lhes foi prometida, porém sob uma condição muito especial: a massa deve descarregar-se para dentro." Elias Canetti, "Massa e poder", p. 27, e s., Editora Universidade de Brasília, Brasília/Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel, São Paulo, 1983. Um lagarto, pernas cheias de areia, medra na beira do centro, e não num livro.



Prego é uma coisa indiscutível.
Não sei se a pessoa vêm fazer na Terra,
Estão fijos os anjos - de fora mesmo?



Eu queria crescer pra passarinho...

INÉDITOS

~~Sou conhecido de que o abanico da flor a verso reir.~~

por Manoel de Barros

DICIONÁRIO DO ORDINÁRIO

Eu queria crescer pra passarinho...
Me disse um tonto de estrada.
A fala dos tontos é imaculada.

•

Uma acácia pensou-me pra de noite.

•

Estão aí as libélulas (virgo virginis)
-mais conhecidas
Por lava-bundas-
A refrescar nas águas suas bundas.

•

Cante só o que não presta, poeta, pois o que presta
desserve às Musas.

•

Bernardo, ele prende no grenho
Pregos, 1 cachimbo
1 dente de porco
Até os marimbondos fazem caixa nesse grenho.



Criatinhas pregadas na beira de um rio são mais
importantes do que uma jóia pendente. E o um de uma
formiga é mais importante do que um usino nuclear.

A refrescar nas águas suas bundas
(as nádegas delas) pois vão



O que eu ponho de cerebral nos meus escritos
é apenas uma vigilância, pra eu não
cair na tentação de me achar menos
tolo que os outros.
Eu sou um defeito de Deus.

•

Gosto prediletamente de quem não sou. Tento
desexplicar-me ao dente, com clareza,
para que me reconheçam. Tenho de me
cercar de imprecisões. Tenho de respeitar
as precedências. As nossas precedências são
a rã, a árvore, as pedras.

Acho a linguagem mais saudável quando
ela cultiva os despropósitos.

•

Quem come canela de cachorro em criança
vira andarilho - assim falou Zarasteu.
Zarasteu só aprende ciências que analfabetam.
Sou a autobiografia dele.

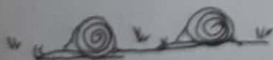


Bernardo, ele prende no gremho
Prego, 1 cachimbo
1 dente de porco.



RETRATO LITERÁRIO

1. Com pedaços de mim eu monto um ser atônito;
2. Sempre que eu desejei contar alguma história, não faço nada; mas quando eu não desejo contar nada, invento imagens.
3. Tudo que sei fazer são roupas para imagens.
4. Me apliquei muito bem no estudo do nosso idioma para saber melhor o lugar em que posso errá-lo.
5. Sou muito preparado de conflitos.
6. Eu demonstro a função dos desperdícios.
7. Coisinhas pegadas na beira de um ralo são mais importantes do que uma jóia pendente. E o cu de uma formiga é mais importante do que uma usina nuclear.
8. (Meus cabimentos vêm dos absurdos?)
9. Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!
10. Perder o nada é um empobrecimento...
11. Queria ficar mais simples, queria ficar mais porcaria - para perder-me de amor.
12. Só as coisas rasteiras me celestam.
13. Todos os seres apropriados ao abandono me religam a Deus.
14. Tento escrever com a mais séria irresponsabilidade: afirm que não me chamem de conspícuo nem beletrista nem acadêmico.
15. O que procuro é o oriundo das palavras.
16. Carrego meus primórdios num andor.
17. Preciso das palavras iniciais que servem até na boca dos pássaros. As que ainda não aprenderam a andar. As que sejam ainda uma estultícia.
18. Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou. Nosso estilo há de estar embutido na boca.
19. Tudo que não invento é falso.
20. A minha diferença é sempre toda.
21. A razão me descompleta.
22. Ouço aves e betowens. Tem hora leio avencas, tem hora Proust. O dia vai morrer aberto em mim.
23. Eu faço o nada aparecer.

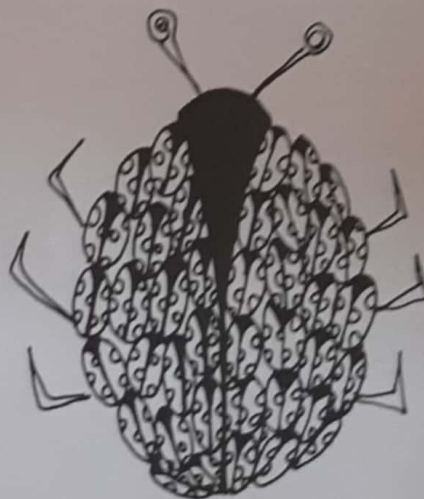


Se eu não me despartar quero ver se completo 150 fragmentos.

SETE INCONCEITOS

- 1 - Grilo é um ser imprestável para o silêncio.
- 2 - O olhar do gafanhoto é sem princípios.
- 3 - Prego é uma coisa indiscutível.
- 4 - Os besouros não trepam no abstrato.
- 5 - Entre a relva e a rã a distância é a mesma.
- 6 - De noite o silêncio estica os lírios.
- 7 - Além das ressonâncias, o que dá poesia aos versos é o ilogismo.

O livro novo do Neto chama-se
PENDENTE POTENCIALMENTE



Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!



Este retrato literário seria, se não, há de ser, parte da "Antibiografia Relativa que estou inventando para enfrentar a vida de uma boa". A verdade tem por fragmentos, como vê.



não trepam no abstrato.

besouros

"PÃO OU PÃES É QUESTÃO DE OPINIÃES..."

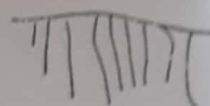
J. G. Rosa



O mundo de um poeta é quase sempre contaminado
da sua inocência animal.

"Se você se detiver e analisar folhas, pêlos,
plumas, escamas, cristais e madrepérolas - o modo
como se resolvem em si mesmos e se imbricam com
seus pares-, você vai entender a poesia de Manoel de
Barros. Um verbo orgânico que obedece ao mesmo
plano diretor que orienta as teias de aranha, as
cadeias de enzimas, as barreiras de coral."

Jamil Snege



cão nosso

pt/ Manoel de Barros

se no agro do vento o cão pluma,
no que sou de cavalo a coisa dobra;
se no oco da gruta o cão crime,
pela lesma do chão a sobra sobra;
se de súbito gesto um cão rumina,
de mim resvalo a via oclusa da sina;
se de gerânio cães floram e tecem,
de abril as chuvas de junho chovem;
se no ovo de si o cão no ovo do fruto,
passai, passai, meus elefantes de luto!

Wilson Bueno



Seu olhar é verde para

as coisas. Verde de beijar as folhas, de beijar as
fêmeas, de tocar as águas.

"Manoel de Barros extrai música do coração do
chão rejeitado, pisado e mijado da civilização
ocidental. Extrai música das lesmas, dos líquenes,
das moscas e das formigas. Extrai música dos
besouros, dos cisnos e das garças. Manoel de Barros
passou de poeta. Como aquele cristal de Vallejo
passou de animal. Como aquela flor que passou de
borboleta. Como a minha mulher, que passou de
orquídea."

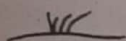
Douglas Diegues



~~É prêmio observar a importância de uma coisa
Entre as relva e a não a distância é a mesma.
dimensões que ela não tem.~~

"O estado existencial do inseto não corresponde ao estado daquele que rasteja atrás do pistolão em busca de favores pessoais. Por isso, descer emocionalmente ao nível do besouro, como faz o poeta Manoel de Barros em *ARRANJOS PARA ASSOBIOS*, constitui demolidora inversão de valores..."

Sérgio Medeiros



É certo que a invenção poética de Manoel de Barros tem personalidade própria rara entre os nossos poetas, rara mesmo entre os nossos grandes poetas. É por isso que ele é um poeta maior.

Mas não só por isso. Num momento em que somos catequizados como seres insuflados do divino mas ao mesmo tempo praticamos as maiores torpezas com os nossos semelhantes, é um esplendor ver luzir de forma tão convincente e harmoniosa a certeza de que entre o caramujo e o homem há um nexo necessário que nos deveria fazer mais solidários com a vida. Mas Manoel de Barros vai além: prova, com a doçura e adequação de suas palavras, que, se quisermos, a nossa vida pode ser uma passagem de beleza em meio à beleza natural, uma prece de harmonia na vida universal, uma nuga de graça, um momento de bondade, em que há algo de irônico, de lírico, de doce, de solidário, de esperançoso.

A poesia de Manoel de Barros, nesta nossa conjuntura, nacional e humana em geral, é um maravilhoso filtro contra a arrogância, a exploração, a estupidez, a cobiça, a burrice - não se propondo, ao mesmo tempo, ensinar nada a ninguém, senão que à vida.

Antônio Houaiss



Até os marimbóes fazem caixa rane grunho.

Uma melão pensou na sua da noite.



A poesia de Manoel de Barros me faz sentir menino no Pantanal, capando gato com caco de vidro, peleando porco no quintal, soprando cu de passarinho semi-morto para ressuscitá-los.

Me faz ouvir sinfonia de brejo chegando de mansinho no ouvido da gente, enquanto "os restos do dia" vão seguindo o vôo dos patos, até que tudo vira noite e um silêncio largo de úmido exala um cheiro viciado em lama.

Me faz desacreditar na realidade e acreditar na magia do mundo "sem existidura de limite", amplo, inconsequente, fértil e louco; varrido por vendavais, amassado por brisas primaveris.

A poesia de Manoel de Barros é a sagração de lêndas, larvas, lesmas, caracóis, cigarras, grilos, moscas, lagartixas, araras, papagaios, garças - e do desespero das aranguãs no clarear do dia, hora em que Bernardo acorda para sonhar.

Augusto César Proença



Tudo que não inventa é falso

"...Custa crer que tanta inventiva, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido tanto tempo no escuro!"

Ismael Cardim



Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.

4 PERGUNTAS PARA ANTÔNIO HOUAISS

por Douglas Diegues



teyu'í - Logo após a publicação do "Livro das Ignorâças", um colunista do jornal "Folha de São Paulo" publicou um artigo dizendo, em síntese, que Manoel de Barros era um picareta, um farsante, um diluidor de Guimarães Rosa... O que o sr. pensa acerca disso?

Antônio Houaiss - Eu tenho a impressão de que quem teve essa audácia não é apenas um picareta, é um protótipo da picaretagem. Porque, realmente, ter a ousadia, por maior conhecimento de literatura que esse indivíduo tenha, de criticar Manoel de Barros - um dos dois maiores poetas vivos do Brasil e um dos grandes poetas da língua -, como um farsante, é, positivamente, um excesso de ousadia.

teyu'í - Como se explicaria o silêncio de alguns de nossos melhores críticos literários em torno da obra do poeta das pobres coisas sem importância do chão?

A. H. - A obra de Manoel de Barros tem duas características, que quem a conhece não pode ignorar. Primeiro, ela é uma contínua progressão no sentido da beleza, e, eu diria mais, da profundidade humana. Em segundo lugar, ela é de tal nível de originalidade, sem querer constituir escola para os outros, que realmente deve haver, entre as pessoas que acaso leiam, alguns que não afinem com ele, o que é perfeitamente compreensível. Agora, a ignorância não justifica o direito de criticar de uma forma imbecil, como foi feito no caso concreto dele. Manoel de Barros é, incontestavelmente, um profundo conhecedor da nossa língua, um filósofo, um mineralista, animalista, sensibilista como poucos, e, repito, um homem que tem tal grau de invenção que talvez a maioria dos quadrados não alcancem a significação de sua poesia.

teyu'í - Onde, de acordo com o sr., situaríamos a poesia de Manoel de Barros no contexto da poesia de todos os tempos?

A. H. - Eu confesso com toda humildade de quem vem estudando há quase oitenta anos a sua língua e a literatura de sua língua, quer dizer, a língua portuguesa e a literatura da lusofonia, que não pretendo ser um sábio. Mas confesso que sobre mim a ação, a influência, a percepção da obra de Manoel de Barros, transcende o cotidiano, o ordinário, o regular. Trata-se, repito, na minha opinião, de um dos grandes poetas que a língua portuguesa produziu, e um dos grandes poetas que o mundo no momento tem.

teyu'í - O sr. gostaria de acrescentar alguma coisa...

A. H. - Eu gostaria muito que ele recebesse o meu abraço, com essa distância quilométrica que nos separa, e que continuasse a ser iluminado como vem sendo, e continuasse a trabalhar essas coisas de beleza, de grandeza, de filosofia, e, sobretudo, de ética, que ele tem dado a nós.



nenhuma fique desamparado do ser que a revela.

Tudo o que me afasquia ao abandono me religa a Deus.

ANTROPO-EX-CENTRISMO DE MANOEL DE BARROS

por Henrik Siewierski

ação me descomplicata.

Manoel de Barros seria um Raskolnikov da poesia?

A língua, velha usurária que empresta as coisas tornou-se alvo das suas intenções assassinas. Ele quer apenas "ser nas coisas" e para isso lhe parece indispensável "desprender-se da palavra", "deixar passá-la pelo esterco", "mutilar a sintaxe". Matar o princípio em nome da solidariedade com os "companheiros pobres do chão"? Mas em vez de se livrar dela, fica ainda mais dependente. A palavra é um princípio que mutilado ressuscita, revelando-se uma condição *sine qua non* da nossa comunhão com as coisas, pois sem a palavra seria impossível esta eucaristia, esta transsubstanciação que ocorre entre o poeta e a natureza.

Mutilando a língua-velha usurária que só empresta as coisas, o nosso Raskolnikov, ao cumprir penitência nas minas da poesia, descobre uma outra língua, cujos signos não emprestam ou representa as coisas, mas simplesmente (e religiosamente) são aquilo que denominam. Assim a palavra nossa de cada dia pode ser também o pão eucarístico da nossa comunhão com o mundo. Nessa comunhão o homem pode humanizar a natureza, "sagrar a lesma", "dar ascensão ao retolho", mas também "completar-se com os bichos", incorporar as coisas da natureza, "ver o mundo como a pequena rã vê a manhã de dentro de uma pedra".

A humanidade que Manoel de Barros quer partilhar com as coisas e os bichos não tem nada a ver com humanismo. Ele concordaria talvez com o filósofo José Maria Bochenski, que no seu dicionário de superstições (*Cem Superstições*,

1987), inclui o humanismo como uma das mais comuns dos nossos tempos. A crença de ser o homem a criatura diferente e superior a todas as outras, que vive na natureza mas dela não faz parte, de ser este animal cruel escolhido por Deus como seu amigo predileto, não tem embasamento nem na razão nem na experiência.

Desconfiando da superioridade do homem, Manoel de Barros confia porém na sua capacidade de incorporar, através da poesia, o que a civilização rejeita, despreza ou esca-

viza. E não é só pela piedade. Nem se trata de uma reciclagem dos destroços e de inutilidades. O antropo-ex-centrismo do *Livro de Pré-Coisas* e da *Gramática Expositiva do Chão* leva o leitor a cogitar a possibilidade de ser justamente a fragilidade e não a superioridade do homem em relação à natureza a origem da civilização. A civilização que o faz esquecer a sua verdadeira humanidade, humanidade que só através da comunhão com as coisas pobres do chão pode ser recuperada e complementada.

WSPOMNIENIA

Spiczasty kapelusz panama, człowiek
Na białym kopiu przyjechał; stanął
Przed gankiem; powiedział trzy słowa;
Uśmiechnął się... Mój dziadek oddał sześć strzałów.

Nagle zmieniła się scena.
Siedemnastoletni stałem nad brzegiem morza!
Czytałem Knuta Hamsuna.
Mój wódczga grał cichutko...

Wielka rzeka poezji
Przepływała przeze mnie, słodka...

/"Lembranças", *Poesias*, 1956/

Conhecido por muitos na língua de um modo a não me dá
satisfação de que sou um poeta. E a um de meus
famosos amigos sempre me lembro de que sou um poeta.

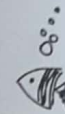
Zaratan só aprende a escrever que a natureza tem. Sou a autobiografia dele.



sem amigos editores, à sua doce amada, e a você.

Chun e braga qm

RETRATO DE UN DESCONOCIDO o uma didática da invenção



por Jorge Montesino



Manoel no me mira, lee con atención un libro cualquiera.

Manoel podría ser mi abuelo.

Él y mi abuelo son contemporáneos, pero no se han visto nunca y sin embargo parece que ambos han dedicado su vida a las cosas de la naturaleza.

No podría definir la estatura física de Manoel. Sólo dispongo de dos fotos y ambas carecen de entorno de referencia que me ayude a definirla, pero por su fisonomía me lo hago un hombre de un metro ochenta largo.

Manoel tiene bigotes y cabello blanco, y sobre su importante nariz lleva un par de anteojos.

Manoel tiene un aspecto saludable mientras no me mira.

Manoel dice que la "Poesia é a virtude do inútil." y a mí me ha gustado esa definición. Me gusta también la base sobre la cual ha compuesto "O livro das ignorâncias": yendo al fondo del ser humano (al niño) que no conociendo cómo se nombran las cosas las nombra con la imagen.

Manoel apoya una mano sobre el hombro de Stella y sonríe a cámara. Ambos sonríen aún hoy a través del tiempo. Esa foto los hace inmortales. ¿Cuál será la historia de amor que hace tan importante la mano de Manoel sobre el hombro de Stella? Esta pregunta se equipara a esa otra pregunta que Manoel se ha hecho alguna vez: "Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos", o esa otra en la que busca saber "Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação".

Anna Regina estaba allí cuando ellos, abrazados, eram fotografiados. E incluso puedo suponer que la misma Anna Regina fue la que dió las instrucciones para que el fotógrafo quitara esa

toma en la que se ve a Manoel leyendo atentamente y dando vuelta una página.

Once veces Manoel ha reunido sus palabras en un todo y sin embargo dice "nunca sei quando meu livro está nos trinques".

Tal vez la mismísima Anna Regina fue quien tomó esas fotos y quien las seleccionó de un montón por ser las más significativas. Pero también existe la posibilidad de que Manoel haya sido quien tomó esas fotos de la caja de fotos familiares y se las haya entregado en propias manos a Anna Regina, quien agradeció ese desprendimiento del poeta.

Douglas me ha hablado de Manoel mientras comíamos al aire libre y nos preguntábamos "Qual o lado da noite que umedece primeiro".

Las fotocopias que Douglas me ha dejado hablan de Manoel.

Ahora mismo puedo verlo sentado en el sillón de esta sala o saliendo lentamente al balcón. Lo veo arrancar unas hojas del árbol que se mece sobre el balcón. Lo escucho decir "Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos".

Manoel es para mí un perfecto desconocido y sin embargo me habla, me mira, sonríe y me hace saber su forma de "apalpar as intimidades do mundo".

Manoel desaprende ocho horas por día, éso le enseña los principios con los cuales rige su transcurrir.

Silvia tal vez no sepa nada de Manoel, tal vez nunca escuche su nombre y tal vez ni siquiera le importe la poesía. Pero esa ya es otra historia y tal vez Manoel tampoco conozca nunca a Silvia.

Sin embargo "Stella me disse que isso aí não é poema. Será"

Asunción, 19 de março de 1995



Se as coisas nestas me celestam.

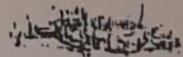


CARTA AO JOEL

por Manoel de Barros



Eu tenho dois anos.
Estou sendo criado no chão.
Meu pai é arameiro.
De tempo em tempo a gente muda de acampamento.
Todos os acampamentos são iguais.
Sempre em lugar mais alto e perto de uma aguada, onde a cerca vai passar.
Primeiro se limpa o mato por cima.
Depois se destoca.
Arrasta os paus.
Se aproveita a madeira mais reta para esteios, vigas, ripàs.
Rapa-se o chão com enxada.
Faz-se um terreiro pequeno.
Aí se finca o rancho de palha.
Duas peças.
O quarto de dormir e a sala de comer.
Em volta da casa meu pai afastou o mato.
Mais ou menos três metros em redor.
É pra livrar a casa de bicho.
Eu tenho dois anos e aprendo a viver nesses terreiros de acampamento.
A mãe não tem tempo de me pôr no braço.
Tem que lavar roupa, fazer bóia pros piões, fazer vela, farinha de mandioca e outros trabalhos.
Quando eu choro a mãe me pega de um braço e me põe no peito enquanto mexe outra coisa.
A mãe ainda costura, faz roupa pra meu pai e vestido pra ela.
Eu brinco nu no terreiro.
Com outro irmão de três anos e o preto Germano que a mãe criou no peito desde Cuiabá.
Nós três brincamos de boi, cavalo de pau, de esticar arame na cerca.
Fazemos o que nosso pai faz.
Nosso brinquedo é só de pau: boi de pau, canga de boi, sabuco, canga pra sapo.
O dia inteiro a gente brinca no chão, com besouros, sapos, galinhas, etc.
Ou quando o pai trás do campo um cágado pra gente brincar.
Eu hoje amo as pobres coisas do chão porque fui criado com elas.
Já estou com 70 anos.
O preto Germano morreu de câncer.
Meu pai se foi.
Minha mãe se foi.
Os piões que trabalhavam com o pai de aprumar cerca também estão mortos.
Não sei o que estou esperando aqui.
Não compreendo quase nada.
Não sei o que as pessoas vem fazer na terra.
Esticar fios de arame e depois morrer?
É preciso mais biografia?





Tudo que sei fazer são roupas para imagens.

Continuação da página 17



A descoberta da poesia e da prosa de Manoel de Barros foi um dos acontecimentos melhores, no plano pessoal, nestes últimos anos. Considero-me uma pessoa razoavelmente bem informada. Desde os 06 anos de idade, leio furiosamente tudo o que cai às mãos. Até balanços comerciais, catálogos telefônicos e bulas de remédio. Por ser jornalista, leio todos os dias alguns jornais, várias revistas. Pois confesso -com vergonha- que até ir pela primeira vez ao Pantanal, em 1985, não conhecia os extraordinários textos de Manoel de Barros.

Mas não se trata apenas de deficiência minha. Trata-se desse inominável provincianismo brasileiro, que julga o Rio e São Paulo os um. vigos do mundo e, curiosamente, tacha de provinciano e desimportante tudo o que acontece fora desse eixo supostamente não-provinciano. E já seu viu coisa mais provinciana?

A precisão dos textos de Manoel de Barros. A profunda emoção da descoberta do mundo que, no entanto, não se desborda - tenta ser mais discreta, a mais em surdina, a menos afastada da coisa. A sonoridade do seu falar. A cor. O ritmo impecável, respiração leve. A elegância. É impossível lê-lo sem ficar pasmo.

Tenho profunda gratidão por Manoel de Barros. Por me haver proporcionado o encanto de lê-lo. Por me haver permitido usar seus textos em dois programas de TV sobre o Pantanal. E por ser quem é. Gostaria de tê-lo mostrado um pouco mais aos que vêm TV. Paciência: ele não quis, entendi.

"A poesia de Manoel de Barros é um raro exemplo de uma voz pessoal e intransferível no contexto da poesia brasileira de hoje. Embora atenta à materialidade das palavras, traduz o mundo sensível através do filtro da intuição, da inteligência e da sensibilidade do poeta. É uma poesia que transfigura a realidade, realçando a sua dimensão metafísica."

José Geraldo Couto



"Manoel de Barros é um extraordinário inventor de aves e de vegetais na/dá poesia brasileira."

Sérgio Rubens Sossella



O que meuro é o oriundo das palavras.

Washington Novaes

DESCASCAR PALAVRAS

por Manoel de Barros

Quando usei a expressão *descascar a palavra* deve ter sido pensando nas viagens das palavras. Algumas viajam pelo tempo desde a boca do povo até o dicionário. Ou fazem a outra viagem - do dicionário para a boca do povo. Acompanhar essas viagens me seduz. Algumas vão deixando em seus caminhos letras, sílabas e mais pedaços, enquanto outras vão se acrescentando em forma ou significados etc. Não sou filólogo. Toco essas viagens de ouvido e viola tosca. Com as palavras tenho uma relação libidínica. Talvez descascar seja um pouco despir. Como despir mulher. Vê-la por outros lados. Vê-la na sua melhor pureza. Certas palavras têm ardimentos; outras não. A palavra jacaré, por exemplo, fere a voz. É como descer arranhado pelas escarpas de um serrote. É nome com verdasco de lodo no couro. Além disso é agriope (que tem olho medonho). Já a palavra garça tem para nós um sombreamento de silêncios... E no ato de voar seleciona o azul.

Agora a viagem de uma palavra que eu acompanhei. É a história dos Dentecurtos. Conheci o tronco da família quando aportou na zona. Chamava-se Bitencourt e não tinha convicção nem chapéu. Bitencourt, de difícil pronúncia, ficou sendo Bentencu - que lembrava bentevi e cu. Mas esse Bentencu durou pouco. O dono não o aceitou porque a última sílaba o desmoralizava. Então lhe aplicaram Dentecurto, que dura até hoje. Talvez por aí se possa dar noção de como pode uma palavra ser descascada pelo tempo.

VIOLA DE CÔCHO

por Manoel de Barros

No outono de 1961, Manoel de Barros começa a publicar no jornal "Correio do Estado" (de Campo Grande-MS) uma coluna literária semanal intitulada "Viola de Côcho".

Nela, o poeta compartilha com os leitores textos seus e de outros autores, transcreve falas colhidas da boca dos viventes de brejo, desrelete sobre o fazer poético, destaca a importância da poesia das crianças, e luta, ao seu modo, pela libertação das artes e dos homens.

Porém, a coluna assinada pelo ilustre desconhecido Manoel de Barros não dura mais que três ou quatro semanas.

Ousando resgatar das traças da desmemória a breve experiência do poeta com o jornalismo cultural em Mato Grosso do Sul, reproduzimos nesta e nas próximas páginas uma mostra dessa que foi (e segue sendo, apesar de não existir mais) a melhor coluna literária que já existiu por estas plagas.

D. D.

Na minha infância, saracura era a ave que avisava chuvas. Nos fins de agosto, fartos de poeiras e de secas, todos sentíamos as chuvas que vinham de longe. Compadre Ventura, Compadre Amaro pregavam os ouvidos no chão, sentiam léguas na frente. Se falavam...

- Irimão, vai chover

- Saracura tá cantando...

- Proquê irimão?

- Ué, pô então saracura é deusi? Se fosse imbuzi sim...

Compadre Ventura sempre achava que, depois de Deus, só imbuzi (bugiu) podia chamar as chuvas. Mas compadre Amaro achava que era a saracura.



Bugre Neto, compadre Laurindo, Nho Veca, amigo de todos os entendimentos: escutadores de pássaros como de gente; almas de poeta, misturadas à terra, às plantas, às águas, aos bichos - escreviam-me sobre o que dizem os passarinhos em seus cantos. Vamos fazer um álbum dessas vozes.



Vila Mercedes distava 4 léguas do Porto da Manga, para quem entrava pela Nhecolândia. Não teria mais do que 10 casas. O Armazem de Ismael. A sede da escolinha - morada de tia Isabel. O rancho de seu João Damasceno - condutor das boiadas para o saladeiro. E nossa casinha de tábua. Pelos arredores, no meio do mato, ligados por trilheiros, os ranchos dos vaqueiros, espalhados. Uns 4 ou 5. Longe, a baía da Helena onde, nas férias, fomos pelotear e jogar canga-pé.

Em um daqueles ranchos foi que assisti o cururu. Luar no terreiro. Ventão alisando o pixaim dos moleques. Mulheres com abanico de acuri espantando mosquitos. Negros e bugres dançando de roda e cantando com voz arrastada: caracachá caracachá / fumo bão fumo ruim / Eu queria só garampo / pra morá nos seus cabelo / fumo bão fumo ruim... Um deles arranhava uma viola fanhosa. Soube serem as cordas feitas de tripa de bugiu.

Mais tarde, bem muito, no Roteiro de Macunaima, livro com que o nosso M. Cavalcanti Proença ganharia o prêmio que o havia de projetar no cenário da literatura nacional - reencontrei a violinha. A página 133 estava a sua descrição: Violinha de "sons gotejantes". (Achei uma delícia aquele "sons gotejantes"). "O termo deve ter sido colhido em Rondônia de Roquete Pinto. É uma viola pequena, feita em geral de madeira de sará, árvore das margens de Cuiabá, São Lourenço e Paraguai; as cordas são de tripa de macaco".

Quando eu pensava um título para esta coluna, lembrei-me dos sons gotejantes. E da rudeza do instrumento. Achei que me calhava. E me calha.

Não pode haver ausência de boca nas palavras!

VIOLA DE CÔCHO

MANUEL DE BARROS

OS «SONS GOTEJANTES»

Vila Mercedes distava 4 léguas do Porto da Manga, para quem entrava pela Nhecolândia. Não teria mais do que 10 casas. O Armazem de Ismael. A sede da escolinha - morada de tia Isabel. O rancho de seu João Damasceno - condutor das boiadas para o saladeiro. E nossa casinha de tábua. Pelos arredores, no meio do mato, ligados por trilheiros, os ranchos dos vaqueiros, espalhados. Uns 4 ou 5. Longe, a baía da Helena onde, nas férias, fomos pelotear e jogar canga-pé.

Em um daqueles ranchos foi que assisti o cururu. Luar no terreiro. Ventão alisando o pixaim dos moleques. Mulheres com abanico de acuri espantando mosquitos. Negros e bugres dançando de roda e cantando com voz arrastada: caracachá caracachá / fumo bão fumo ruim / Eu queria só garampo / pra morá nos seus cabelo / fumo bão fumo ruim... Um deles arranhava uma viola fanhosa. Soube serem as cordas feitas de tripa de bugiu.

Mais tarde, bem muito, no Roteiro de Macunaima, livro com que o nosso M. Cavalcanti Proença ganharia o prêmio que o havia de projetar no cenário da literatura nacional - reencontrei a violinha. A página 133 estava a sua descrição: Violinha de «sons gotejantes». (Achei uma delícia aquele «sons gotejantes»). «O termo deve ter sido colhido em Rondônia de Roquete Pinto. É uma viola pequena, feita em geral de madeira de sará, árvore das margens de Cuiabá, São Lourenço e Paraguai; as cordas são de tripa de macaco».

Quando eu pensava um título para esta coluna, lembrei-me dos sons gotejantes. E da rudeza do instrumento. Achei que me calhava. E me calha.

— XXXX—

Para remessa de livros e informações:
Rua Rui Barbosa, 334.



Perden o nada e um empobrecimento...

Julho tirava os frios. Está fazendo 20 anos. O menino voou, vum... pegou uma lua, disse - lua é bola? Havia os mais velhos sentados. Parece que diziam coisas graves, pelo feitio das bocas. Negra Margarida trouxe cafézinho. Vagalumes piscavam por perto. Papai perguntou à visita como ia Cuiabá. Que ia bem, progredindo... Tudo era melhor na sua terra, tudo havia mais que que por alf. Nos brejos mais próximos a saparia cantava. Papai arriscou. E sapo nho Mané, tem mais por lá?

Pensou.

-Olha, cumpadre, sapo eu não digo que tenha mais, porém os poucos de lá cantam mais bonito...

Uma histórinha de João.

Era um passarinho. Estava com fome. Foi na casa do menino. O menino deu comida. O passarinho abraçou ele. Ficaram amigos da vida.

Fizeram um barco de papel de passear no

rio. O jacaré deu uma bicada naquele barco, afundaram. O passarinho vum! foi por pico de um pau. O menino saiu montado no jacaré que não pulava, só corria corria. Daí o passarinho jogou uma fita colorida que o menino subiu por ela. O passarinho ficou abraçado no guri. Gostaram da vida.

Foram andando. O menino deu um chute numa pedra. A pedra acendeu. Eles correram. Veio uma menina loirinha chorando. O passarinho deu uma baleia pra ela. O biquinho dele fez piu piu. Sairam correndo correndo. Viraram Vento...

É moda hoje fazer-se exposição de desenhos infantis, em todo mundo. Porque então não se procuram colecionar as histórias das crianças? Essa que reproduzi acima me foi contada por um menino de 5 anos. Copie você as histórias de seu filho na sua própria língua (dele) e mande-nos com nome e idade. As melhores pretendemos publicar nesta coluna. As mais interessantes do ponto de vista da fabulação e da linguagem escolheremos, para mais tarde enfiarmos num livro. Pediremos sua publicação ao Ministério da Educação.

Pela importância que se estão dando hoje

às pinturas infantis, aos desenhos primitivos encontrados em grutas, etc., julgamos oportuna esta idéia. Há uma sede de pureza, de infância, nos artistas de nosso tempo. Há uma busca das fontes populares da linguagem. Uma revalorização da inocência contida nas lendas dos índios, na fala do povo, nas pinturas ingênuas. A essa sede queremos trazer nossa contribuição.

Ninguém mais do que Mário de Andrade sabia a gostosura da fala simples, da língua suja das feiras, da língua torta do povo. Língua pobre das ruas. Por isso desde cedo se voltou para essa fonte. E nela bebeu a seiva para suas obras. Toda sua linguagem é a de quem fez, o que Vieira mandava - "aplicar o ouvido à boca do bárbaro".

Macunaíma está em língua brasileira. Mistura de todos os falares de norte a sul do Brasil. Do seringueiro do Amazonas ao gaúcho; do jeca paulista ao arigó; das quituteiras da Bahia aos nossos cozinheiros de comitiva. Tudo Mário de Andrade ouviu com aquela sua paciência de pesquisador, ilimitada.

Enquanto os parnasianos envesgavam os olhos para copiar a França e Coelho Netto se derretia por apolíneas formas helênicas, Mário buscava as raízes da nação. Mário so-

VIOLA DE CÔCHO

Manuel de Barros

Julho tirava os frios. Está fazendo 20 anos. O menino voou, vum... pegou uma lua, disse - lua é bola? Havia os mais velhos sentados. Parece que diziam coisas graves, pelo feitio das bocas. Negra Margarida trouxe cafézinho. Vagalumes piscavam por perto. Papai perguntou à visita como ia Cuiabá. Que ia bem, progredindo... Tudo era melhor na sua terra, de tudo havia mais que que por ali. Nos brejos mais próximos a saparia cantava. Papai arriscou. E sapo nho Mané, tem mais por lá? Pensou.

- Olha, cumpadre, sapo eu não digo que tenha mais, porém os poucos de lá cantam mais bonito...

VIOLA DE CÔCHO

MANUEL DE BARROS

Uma histórinha de João.

Era um passarinho. Estava com fome. Foi na casa do menino. O menino deu comida. O passarinho abraçou ele. Ficaram amigos da vida.

Fizeram um barco de papel de passear no rio. O jacaré deu uma bicada naquele barco; afudaram. O passarinho vum! foi pro pico de um pau. O menino saiu montado no jacaré que não pulava, só corria corria. Daí o passarinho jogou uma fita colorida que o menino subiu por ela. O passarinho ficou abraçado no guri. Gostaram da vida.

Foram andando. O menino deu um chute numa pedra. A pedra acendeu. Eles correram. Veio uma menina loirinha chorando. O passarinho deu uma baleia pra ela. O biquinho dele fez piu piu. Sairam correndo correndo. Viraram vento...

—XXXX—

É moda hoje fazerem-se exposição de desenhos infantis, em todo mundo. Porque então não se procuram colecionar as histórias das crianças? Essa que reproduzi acima me foi contada por um menino de 5 anos. Copie você as histórias de seu filho na sua própria língua (dele) e mande-nos com nome e idade. As melhores pretendemos publicar nesta coluna. As

VIOLA DE CÔCHO

Ninguém mais do que Mário de Andrade sabia a gostosura da fala simples, da língua suja das feiras, da língua torta do povo. Língua pobre das ruas. Por isso desde cedo se voltou para essa fonte. E nela bebeu a seiva para suas obras. Toda sua linguagem é a de quem fez, o que Vieira mandava - "aplicar o ouvido à boca do bárbaro".

Macunaíma está em língua brasileira. Mistura de todos os falares de norte sul do Brasil. Do seringueiro do Amazonas ao gaúcho; do jeca paulista ao arigó; das quituteiras da Bahia aos nossos cozinheiros de comitiva. Tudo Mário de Andrade ouviu com aquela sua paciência de pesquisador, ilimitada.

Enquanto os parnasianos envesgavam os olhos para copiar a França e Coelho Netto se derretia por apolíneas formas helênicas, Mário buscava as raízes da nação. Mário sonhava o seu sonho mais querido que era o de entregar à literatura brasileira uma lin-

A nação me descomplicar



As novas produções são
a né, a árvore, as pedras.

VIOLA DE CÔCHO

MANUEL DE BARROS

Cobra Norato: um sol em escura boca. O mato encharcado da amazônia. A sedução do alagadiço. Enxurrado do tijuco pegajoso no corpo da filha da Rainha Luzia. Floresta parindo sombras. Silêncio doendo dentro do mato. Galhos desnudados pelo chão. Arvorizinhas de pescoço torcido. Raízes desdentadas mastigando lodo.

VIOLA DE CÔCHO

Manoel de Barros

Na minha infância, Saracura era a ave que avisava chuvas. Nos fins de agosto, fartos de poeiras e de secas, todos sentíamos as chuvas que vinham de longe. Compadre Ventura, Compadre Amaro pregavam os ouvidos no chão, sentiam léguas na frente. Se falavam...

- Irmão, vai chover
- Saracura tá cantando...
- Proquê Irmão?
- Ué, pô então saracura é deus? Sei fosse imbuizi sim...

Compadre Ventura sempre achava que, depois de Deus, só imbuizi (bugiu) podia chamar as chuvas. Mas compadre Amaro achava que era a saracura.

—x—

Bugre Neto, compadre Laurindo, Nho Voca, amigos de todos os entendimentos: escutadores de pássaros como de gente; almas de poeta, misturadas à terra, às plantas, às

águas, aos bichos—escravavam-me sobre o que dizem os passarinhos em seus cantos. Vamos fazer um álbum dessas vozes.

VIOLA DE CÔCHO

Manoel de Barros

Poesia é como você encontrar rosas numa sala. Você as vê ou sente seu perfume. Pode gostar ou não de suas cores ou cheiro. Elas podem lhe dar uma certa alegria na alma, ou não, etc. Mas você seria um tolo se perguntasse à dona da casa: — Que querem dizer essas rosas?

Claro; elas não querem dizer nada. Elas simplesmente estão aí. «A rose is a rose is a rose» (Gertrude Stein). E um poema é um poema.

Poesia não transmite conceitos, transmite sensações. Não se dirige às faculdades lógicas, mas à sensibilidade. Não se faz poesia sobre ou de alguma coisa. Poesia não descreve, não explica. Explicar cabe à prosa. Poesia é anti-discursiva. Discurso é linha reta. Poesia funciona sem limites semânticos. Portanto fora de bitolas. As palavras, em poesias, a-dejam, chocam-se para criar tensões. Poesia funciona em descargas. Seu prodígio é escapar ao real. Criar realidades novas. Se o menino está montado num cabo de vassoura, ele criou um cavalo para ele. A criação do poeta se faz dessa maneira: pela transfiguração da realidade. Os poetas criam seus cavalinhos de pau. Foi o que fez Shakespeare neste verso: «O vento senta no ombro de tuas velas».

nhava o seu sonho mais querido, que era o de entregar à literatura brasileira uma linguagem nova que fosse a soma de todos os regionalismos.

Poesia é como você encontrar rosas numa sala. Você as vê ou sente seu perfume. Pode gostar ou não de suas cores ou cheiro. Elas podem lhe dar uma certa alegria na alma, ou não, etc. Mas você seria um tolo se perguntasse à dona da casa: — Que querem dizer essas rosas?

Claro; elas não querem dizer nada. Elas simplesmente estão aí. «A rose is a rose is a rose» (Gertrude Stein). E um poema é um poema.

Poesia não transmite conceitos, transmite sensações. Não se dirige às faculdades lógicas, mas à sensibilidade. Não se faz poesia sobre ou de alguma coisa. Poesia não descreve, não explica. Explicar cabe à prosa. Poesia é anti-discursiva. Discurso é linha reta. Poesia funciona sem limites semânticos. Portanto fora de bitolas. As palavras, em poesia, a-dejam, chocam-se para criar tensões. Poesia funciona em descargas. Seu prodígio é escapar ao real. Criar realidades novas. Se o menino está montado num cabo de vassoura, ele criou um cavalo para ele. A criação do poeta se faz dessa maneira: pela



transfiguração da realidade. Os poetas criam seus cavalinhos de pau. Foi o que fez Shakespeare neste verso: «O vento senta no ombro de tuas velas».

Cobra Norato: um sol em escura boca. O mato encharcado da amazônia. A sedução do alagadiço. Sensualismo do tijuco pegajoso no corpo da filha da Rainha Luzia. Floresta parindo sombras. Silêncio doendo dentro do mato. Galhos desnudados pelo chão. Arvorizinhas de pescoço torcido. Raízes desdentadas mastigando lodo.

Cobra Norato. Um ser minado de estar aos musgos sobre rios de pedras. Um ser-coisa-árvore-bicho. O homem que é quase planta. Sua voz é quase vegetal.

Cobra Norato. Língua entrançada. Cipóal de metáforas. Língua promíscua daquela dos pássaros, das águas.

Na mitologia dos povos antigos, nas lendas dos índios, nas histórias populares, nos contos infantis, nos poemas do poeta, as árvores falam, as pessoas viram em guariba, os sapos viram de príncipes e os ventos despenteiam folhas. Tudo se encanta e desencanta nas transfigurações do poeta.

Raul Bopp amontoa de encantos o mato encharcado da amazônia. Aprecie.

Bugre Neto me contava as histórias do preto Tucum. Preto Tucum, cantando cururu, arrastava sua voz mole, "arrodeia arrodeia / arrodeia o sóco... / Eu não posso me lembrar / do tempo que era menino / pra boje vivê chorando... / Ai ai / só eu / que nasci pra passar trabalho..."

Nos poemas de Oswald de Andrade, da fase pau-brasil, encontram-se a fala do povo, a fala de preto Tucum com a voz do poeta. Volta de 1923. Aurora do modernismo.



O olhar do gafanhoto é sem princípios.

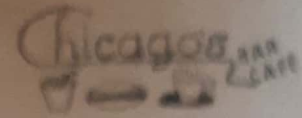
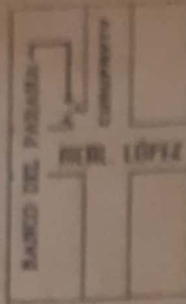


BANCO DEL PARANÁ S.A.
DEL GRUPO BANESTADO

SUCURSAL PEDRO JUAN CABALLERO

Mariscal López Esq. Curupayty

☎ (036) 2024-2025-3228-3055 - Telex PY 5242



Jugos Naturales - Café Capuccino
Dulces - Vitaminas - Café Express
Pizzas - Sandwich Natural
Hamburguesas - Salados
Bebidas en General

Mariscal López, 1230

☎ 3225

Pedro Juan Caballero - Paraguay

MITSUMOTORES



● VENTA DE REPUESTOS LEGÍTIMOS PARA TODAS LAS LINEAS DE VEHICULOS JAPONESES CON DESCUENTOS ESPECIALES

● SERVICIO MECANICO ESPECIALIZADO CON RAPIDA ATENCIÓN Y TRABAJOS CON GARANTÍAS

● VEHÍCULOS NUEVOS CON GARANTÍA DE UN AÑO Y USADOS QUE SON COMO NUEVOS

● EN PROMOCIÓN: INSTALACIÓN DE TURBINAS PARA L200 Y MONTERO

Carlos A. López entre Hermandarias y B. Aceval - a 2 cuadras de la Ruta V
☎ (036)2624 - FAX (036) 4270 - Pedro Juan Caballero - Paraguay



◆ VENDE

Av. Brasil, 3706

◆ ALUGA

☎ 431-2921 e

◆ ADMINISTRA

431-4587-PP-MS

PARA SU GARANTIA CONTACTE
ELECTRICISTAS PROFESIONALES



RAMON CHAPARRO - ELECTRICISTA
RG ANDE 2046

INSTALACIONES ELÉCTRICAS
COMERCIALES, RESIDENCIALES
E INDUSTRIALES

PROYECTOS DE INSTALACIONES
PANEL DE COMANDOS Y PROTECCIÓN
NUEVA DIRECCIÓN
CALLE TTE. HERRERO, 2180
C/NACIONES UNIDAS - PJC/PY



DÊ UMA ALEGRIA AO SEU FILHO!
LEVE-O PARA CONHECER
A BRAZIL IMPORT.

A MAIOR E MAIS COMPLETA
LOJA DE BRINQUEDOS DA
FRONTEIRA!

● CALLE MARISCAL ESTIGARRIBIA, 48 - AO LADO DO EIRUZÚ HOTEL
FAX 2259 / 24 / 25 ☎ 2604 / 24 / 35 PEDRO JUAN CABALLERO- PARAGUAY

● CX. POSTAL 316 - CEP:79900-000 - PABX (067) 431-2555
FAX (067) 431-2471 - PONTA PORÃ - MS - BRASIL

AGUSTIN TORRES

-----Consejal Municipal-----



AUNANDO ESFUERZOS
EN ARAS DEL
DESARROLLO CULTURAL
DE LA REGIÓN FRONTERIZA

Pedro Juan Caballero-PY

PARA ASSINAR
O ESTADO DE SÃO PAULO
EM PONTA PORÃ E REGIÃO.
LIGUE PARA ☎ 431-4247
E FALE COM O SR.
BERLIM CORRÊA